

O TEMPO NO ESPELHO

Década de 70. Fim da minha adolescência.

Havia um espelho ovalado na sala da minha casa. Não era grande, mas cabia inteiro um rapaz de cabelos pretos e olhos cheios de perguntas sem respostas. Havia, no entanto, naqueles olhos, um brilho de quem acreditava que um dia encontraria seu caminho.

Naquele tempo, eu estudava e trabalhava. Era arrimo de família. A palavra pesa, mas na época era apenas um fato: a vida adulta chegou mais cedo, sem bater na porta.

Os bancos da praça do interior ainda existem? Se existem, devem guardar o peso de dois corpos jovens sentados muito perto um do outro. Ali nasceu o namoro com uma jovem estudante. E com ele, uma das sensações mais belas do viver: o primeiro contato físico com o ser admirado. O despertar da paixão. As mãos que se procuram. O silêncio que fala mais do que qualquer palavra.

Cedo veio a independência financeira. Cedo veio o matrimônio. Éramos um casal jovem, querido pelos familiares. E começávamos a construir não uma casa – isso veio depois – mais um chão comum.

O primeiro filho chegou. Felicidade indescritível.

Três anos depois, uma linda menina. O meu mundo estava completo.

O tempo passou. A vida, essa senhora paciente, foi seguindo. Trabalho, lazer, viagens, criação dos filhos. Corremos atrás de objetivos concretos: casa, carro, bens. Nessa fase, a estrada da vida às vezes é esquecida. A gente esquece de curtir a paisagem. Só quer chegar. Mais tarde a gente descobre que chegar não era o ponto – e sim o percurso com seus buracos, suas curvas, seus pores do sol inesperados.

A meia-idade passou. Vieram os netos. Eles chegam sempre como uma espécie de mágica: devolvem os filhos para a gente, pequenos de novo. Riem igual, bagunçam igual. Só que agora temos mais paciência. E menos joelho.

Começamos a perder vitalidade física. É um fato. Mas ganhamos outra coisa: estabilidade mental. A mente, antes um cavalo inquieto, agora é um rio mais lento. Ainda se agita, mas com menos espuma.

Tornamo-nos exemplo em dadas circunstâncias. E incompreendidos em outras. Muitas vezes esperamos tanto de quem dedicamos a vida inteira – e recebemos menos. É o roteiro que não está no planejado. Mas está na vida.

Hoje, ao despertar, uma boa lembrança me levou de volta àquele momento. Aquele espelho ovalado.

Levantei. Fui até o espelho de agora.

Outro espelho. Outro rapaz? Não. O mesmo. Só que os cabelos, antes pretos, agora são brancos. As dúvidas, antes muitas, agora são poucas.

Mas o brilho no olhar continua.

E isso, ninguém tira. Isso dá a certeza de que vale a pena viver.

Pseudônimo: Antônio Praiano.